

# **“É ASSIM, QUANTO MAIS TU LÊ, MAIS TU VAI ADQUIRINDO CONHECIMENTO...”: OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA PARA SUJEITOS DO ENSINO MÉDIO**

SANDRA POTTMEIER (FURB).

## **Resumo**

Este artigo é recorte de uma pesquisa que está em andamento, bem como é resultado de estudos e discussões realizadas durante as disciplinas “Teoria e Prática da Pesquisa II” e “Seminário de Pesquisa II”, inseridas no Programa de Pós-Graduação em Educação do Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB). A pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativo e tem por objetivo compreender as práticas sociais de leitura em Língua Inglesa dos sujeitos do Ensino Médio de escola pública através dos dizeres dos sujeitos, em que, buscam-se elementos que caracterizam as marcas ideológicas, o lugar de onde os sujeitos falam e de como essas marcas contribuem para identificar as condições de produção que podem interferir significativamente na formação discursiva do sujeito, pois a Análise do Discurso problematiza a língua como não transparente, ela pode trazer muitos sentidos por ser polissêmica. O estudo sobre os sentidos das práticas sociais de leitura em LI (Língua Inglesa), justifica-se deste modo, pois muitos sujeitos inseridos nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio, além do livro didático, fazem uso de materiais como letras de música, manual de informática, manual de jogos. Optou-se, assim, por coletar materiais que os alunos costumam ler em Inglês, bem como estes foram entrevistados individualmente, justificando porque trouxeram determinado material. Para a análise dos dizeres desses sujeitos, tem-se como aporte a Análise do Discurso.

## **Palavras-chave:**

Compreensão, Leitura, Língua Inglesa.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo é recorte de uma pesquisa que está em andamento e está ligada ao Eixo Temático II - Educação, Cultura e Sociedade, inserida na linha de pesquisa de Discurso e Práticas Educativas, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação da FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau (SC).

Ler implica interação entre leitor/texto/autor. Ler em Língua Inglesa e os sentidos que tem este ato para alunos do Ensino Médio de escola pública é o foco de discussão deste artigo.

Para esta reflexão, usarei como aporte teórico a Análise do Discurso doravante AD, trazendo para este diálogo Pêcheux (1988), Orlandi (2006; 1996; 1988) e Brandão (2004), articulada com autores da Educação como Perissé (2005) e Silva (1985; 1991), que tratam da formação do leitor numa perspectiva social. Farei uma breve correlação dessas teorias, com os níveis de leitura do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos, 2000), quanto à classificação da leitura, seja para identificar, interpretar ou refletir sobre o que o aluno leu.

A AD trata o sujeito como um ser social interpelado pela ideologia e pela linguagem, determinando o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social determinado pela história Brandão (2004).

Esta investigação justifica-se, pois os sujeitos inseridos nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio além do livro didático, fazem uso de outros materiais como: manual de informática, manual de jogos, capas de cds, letras de músicas.

Destarte, procuro neste texto, compreender as práticas sociais de leitura em Língua Inglesa dos alunos que freqüentam o último ano do Ensino Médio de escola pública através de seus dizeres. A pergunta que norteia o presente texto é a seguinte: quais os efeitos de sentido das práticas sociais de leitura em Língua Inglesa para alunos do Ensino Médio de escola pública?

O texto está organizado em três seções: sumarização de pressupostos teóricos que marcam o ato de ler em Língua Inglesa sob o olhar da Análise do Discurso articulado com a Educação, a metodologia da pesquisa, com a abordagem, recorte, categorias de análise. Seguem considerações e referências.

### ***PRESSUPOSTOS TEÓRICOS***

Para compor esta seção consideram-se: os sentidos de leitura, sob o olhar da Análise do Discurso articulados com a Educação.

#### **2.1 Os sentidos de leitura sob o olhar da Análise do Discurso**

Início esta seção, mencionando que a AD estuda através de formulações discursivas, a prática e a ação da linguagem. Ela problematiza, tenta compreender essas formulações discursivas (enunciados) a partir do que existe, do real, neste caso, o texto materializado que se dá aqui, neste artigo, a partir dos dizeres dos sujeitos, pois o que interessa na AD não é a palavra em si, mas o entremeio, os efeitos de sentido dessas formulações discursivas. Porque é através dessas formulações que vemos e tentamos compreender como o sujeito vai se constituindo na história, a qual está em movimento.

Orlandi (2006) diz que o sujeito se constitui pela linguagem que se dá socialmente e, é interpelado pela ideologia que determina as práticas discursivas dos sujeitos por meio de sua história.

Olhando no viés da AD, entendo que o sujeito se constitui pela linguagem, pois ela é um dos principais instrumentos de ação e práticas sociais formadora do mundo cultural e que traz em si a construção e expressão do conhecimento, os valores e as normas de conduta que norteiam a vida do sujeito em sociedade.

O sujeito também é interpelado pela ideologia, pois ela mostra as marcas, as crenças, os pensamentos do sujeito. O que leva o sujeito a pensar de tal jeito ou maneira e não o leva a pensar de outro modo, ou seja, é algo inconsciente, porque são as forças externas (as práticas discursivas) que condicionam o modo do sujeito pensar e agir nesse movimento histórico.

Deste modo, é preciso levar em conta o pré-construído que o sujeito traz consigo e que nas palavras de (Brandão, 2004: 109), é o "elemento produzido em outro (s) discurso (s), anterior ao discurso em estudo, independentemente dele.". Isso remete às evidências do "que cada um sabe" e simultaneamente "o que cada um pode ver" em uma determinada situação de acordo com as suas condições de produção. Entendo aqui, condições de produções as que "constituem a instância verbal de produção do discurso: o contexto histórico-social, os interlocutores, o

lugar de onde falam e a imagem que fazem de si, do outro e do referente." (Brandão, 2006: 105).

Como o foco deste texto é a leitura e as suas práticas sociais, Orlandi (1988) explicita que quando se lê, se produz sentidos, pois o sujeito crítico faz parte de um processo sócio-histórico de produção de sentidos. No momento em que ele interage com o texto e o autor produz sentidos. (Orlandi, 1988), complementa ainda que

...a leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significante. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto.... (p.10).

De fato, o ato de ler, para se tornar ou qualificar-se em momento crítico de significação, envolve a reflexão, a transformação de significados, a partir de um diálogo entre o texto e o (s) interlocutor (es), pois a leitura sem compreensão é um ato mecânico. O ato de ler pressupõe ainda, de acordo com Silva (1985), um enriquecimento do leitor através da descoberta de novas possibilidades de ser e existir. É a partir desta descoberta que a leitura deve ser vista como um instrumento de participação, de mudança e renovação sócio-cultural.

As reflexões de Silva (1991), leva-me a pensar ainda, sobre a formação do leitor no contexto escolar, em que se quer um leitor que questione, que compreenda o que leu, bem como se deseja também um leitor que se adapte ou se ajuste ao seu contexto social real e que este seja um sujeito ativo e transforme o meio em que está inserido pelas práticas de leitura. Deste modo, almejamos leitores que sejam conscientes, críticos e criativos durante e após a sua trajetória escolar.

Destarte, termino essa seção parafraseando Orlandi (1996) que diz que a relação entre o sujeito e o outro é explicada pela descoberta do conceito de sujeito enquanto entidade dividida entre consciente e inconsciente, pois perceber que as palavras não têm sentido em si mesmas, mas derivam seus sentidos na formação discursiva que representam à ideologia, é o primeiro aspecto a ser considerado quando da análise e interpretação de um momento discursivo.

Na sequência, segue a seção de metodologia desta pesquisa com a abordagem, contexto, sujeitos, instrumentos e procedimentos de coleta de registros.

## **METODOLOGIA**

É uma pesquisa de abordagem qualitativa-interpretativa, guiada pela AD. De acordo com Bogdan e Biklen (1982), ao apresentarem uma discussão sobre pesquisa qualitativa, destacam características que a fundamentam e permeiam o investigador qualitativo. Aquele que frequenta os locais de estudo, entende que as ações podem ser mais bem compreendidas quando observadas no seu ambiente habitual de ocorrência.

A pesquisa de abordagem qualitativa trabalha, "com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (Minayo, 1993: 21-22).

Optei por trabalhar no viés da AD, pois para Pêcheux, o sujeito está impregnado de discurso e de ideologia. Na AD é a ideologia que determina o que é, ou não, dito pelo sujeito, quando considera que o sujeito se constitui e produz sentidos por que

é atravessado pela linguagem e pela história, num emaranhado de formações discursivas.

A escola escolhida como campo da pesquisa, pertence à rede pública de ensino de Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, estado de Santa Catarina. Localizada num bairro afastado do centro da cidade, a escola atende a um maior número de alunos do próprio bairro, no que se refere principalmente ao Ensino Médio, em que os pais, em sua maioria, atuam como operários em empresas localizadas no município. A escola possui um total de 1520 alunos distribuídos nos Ensinos Fundamental (1ª a 8ª série) e Médio (1º e 3º ano), que frequentam a escola nos períodos matutino, vespertino e noturno [1].

Os sujeitos deste trabalho são 04 do total de 30 alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública que estudam no período matutino, com duas aulas de Língua Inglesa semanalmente de 45 minutos. Eles têm 17 anos de idade. Já estão atuando no mercado de trabalho em áreas como informática, saúde e comércio. Frequentam a escola desde o pré-escolar.

Foram selecionados estes 04 sujeitos, pois para esta análise foram os que apresentam regularidades quando a predicação voltada para as práticas sociais de leitura em Língua Inglesa como uma necessidade ou contingência, bem como a pesquisa qualitativa não está preocupada com a quantidade, mas em compreender o que os sujeitos dizem, por isso, não há necessidade de se ter muitos sujeitos.

Os registros da investigação incluem as transcrições das entrevistas feitas a partir dos materiais que os sujeitos leem e, os quais foram trazidos por eles.

Na seção seguinte, trago estes registros dos sujeitos e as reflexões.

### ***REGISTROS E REFLEXÕES***

Nesta seção, apontarei alguns aspectos discursivos que estão na constituição da identidade dos sujeitos envolvidos nesta análise, trazendo a seguinte predicação: "Ler em Língua Inglesa: uma questão de necessidade ou de contingência".

Ler em Língua Inglesa: uma questão de necessidade e contingência

A partir desta predicação serão analisados os dizeres de 04 sujeitos que frequentavam o Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino. Em 2008, iniciei esta pesquisa e, ao qual foram coletados os registros de uma mesma turma, solicitando que os sujeitos trouxessem materiais que eles liam em Língua Inglesa. Para tanto, realizei ainda uma entrevista individual com os sujeitos que trouxeram os materiais, conforme mencionado anteriormente, na seção de Metodologia. Para identificação dos mesmos, usarei nomes fictícios como João, André, Renato e Paulo, preservando deste modo, a privacidade dos alunos. Eles têm 17 anos e trabalham na área de informática, saúde e comércio.

Para esta análise dos registros, usarei a expressão predicação, que segundo Grigoletto (2000) e nas palavras de Bohn (2003), é a explicitação de uma relação que se estabelece entre princípios teóricos e formulações discursivas de um indivíduo ou de um grupo social.

Deste modo, tentaremos compreender o leitor-aluno Orlandi (2006), que na medida em que lê, se constitui, se representa, se identifica, pois a questão da compreensão não é só do nível da informação. Neste momento, entra o processo de interação, a ideologia.

Adendando essa questão da compreensão abordada por Orlandi (2006) ao Pisa (2000), encontramos em sua terceira escala, a reflexão (compreensão). Portanto, o nível de informação já foi ultrapassado nessa escala, ou seja, ela é uma subescala da primeira escala que está em identificar as palavras para obter informação, para se ter conseqüentemente uma interpretação até chegar a uma compreensão do texto.

A leitura como traz Orlandi (2006), é um momento crítico da constituição do texto, ou seja, é o momento em que os interlocutores se identificam por meio da interação, desencadeando o processo de significação do texto. Não basta buscar informações, é preciso ir além do texto para compreendê-lo, é preciso interagir com o texto, com o outro.

Deste modo, a constituição deste *corpus*, se dá de acordo com (Possenti, 2006: 96), pois ele "deve esforçar-se minimamente para reunir um conjunto de textos que se relacionam" a necessidade e contingência.

O conjunto de textos, a que me refiro, são os recortes dos dizeres de meus sujeitos, que apresentam dizeres heterogêneos, e apontam para diferentes formações discursivas, de acordo com Brandão (2004), determinando o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social determinado pela história. Contraditoriamente, trazem ao mesmo tempo, regularidades, semelhanças num determinado momento da história. Esta contradição acontece, segundo Orlandi (2006), pois é característica da linguagem humana, pela ideologia que determina as práticas discursivas desses sujeitos por meio de sua história.

Nesta análise, o PISA que é o Programa Internacional de Avaliação de Alunos, ajuda-nos a compreender o processo de leitura que os sujeitos inseridos neste contexto apresentam. Os sujeitos pesquisados são alunos do terceiro ano do Ensino Médio, têm 17 anos e trabalham na área da informática, necessitando fazer uso diário de manuais de instalação de programas. Estes manuais, por sua vez, se apresentam apenas na Língua Inglesa. Para fazer a leitura destes, os alunos, sujeitos desta pesquisa, encontram dificuldades para a leitura destes textos, pois não têm domínio desta língua (inglês).

De acordo com as três escalas de avaliação quanto à leitura do Pisa (2000), os sujeitos estão na primeira escala. A primeira escala, está em identificar recuperar informações; a segunda escala, consiste em interpretar e descrever o texto e; na terceira escala, permite a reflexão, a compreensão do texto.

Quando perguntado aos sujeitos João, André, Renato e Paulo como eles leem o material que trouxeram em Língua Inglesa (manual de informática, manual de jogos e capa de cd), em que estes buscam por meio da tradução, codificar (da palavra para a frase e da frase para o texto) para se obter informação, eles responderam:

*"Leio bastante **manuais de placa mãe e processadores**, leio eles geralmente com a **ajuda de dicionários ou de tradutores online**. Porque é assim, **quanto mais tu lê, mais tu vai adquirindo conhecimento**, mais tu... vamos dizer, **melhor vai ficando o teu jeito de conseguir ler**." (João, 17 anos, trabalha na área da informática e vende produtos voltados à informática)*

*"Leio **traduzindo e porque meu trabalho exige essa competência** para fazer a **instalação dos programas**. Se tivesse um manual em português, eu leria antes. Gosto, às vezes, de ler em Inglês chego a compreender algumas palavras."* (André, 17 anos, trabalha na área da informática)

*"Leio o **manual** já em Inglês, uso só o **dicionário** para procurar algumas palavras, **porque no trabalho**, eu lido com a informática, então os programas de instalação (placa mãe) são em Inglês. Não uso o tradutor, pois é furado, não tem muita conexão! **Se não fosse o trabalho**, eu leria em português sim."* (Renato, 17 anos, trabalha na área da informática)

*"Mexo muito com **computação**, hoje em dia, os seres humanos tem que ter noções Básicas em LI para Dominar A Área. Enfim, manuais De instalação, programas de usos pessoais, caixa de correio eletrônico, jogos, etc... alguns leio por interesse, (jogos) alguns por obrigação e **necessidade (no trabalho)**"* (Paulo, 17 anos, trabalha na área da saúde)

Quando os sujeitos aceitam ou concordam com a situação dada, ou seja, procuram as palavras de que precisam pela identificação, mostra-nos que isso é uma necessidade, ou seja, supõe que os sujeitos sejam cúmplices, de acordo com Pêcheux (1988), de pensar no lugar do outro como uma condição de existência, pois a necessidade está ligada à substância, ou seja, ela é institucionalizada, fixa, como a escola, por exemplo.

Os sujeitos acabam apresentando uma necessidade, que de acordo com (Houassiss, 2008: 524-525) "4. exigência" e leitura para obter informação, seja quando André, Renato, Paulo e João mencionam o local de trabalho voltado a área da informática que exige deles um conhecimento do vocabulário para identificar as palavras nos manuais de informática, bem como João que diz ainda que, quanto mais se lê, vai se adquirindo conhecimento para entender o que está no texto escrito. Na AD, Pêcheux (1988) diz que essa necessidade é entendida como, em que sentido, terei que ampliar na perspectiva humana o conhecimento, que é inesgotável e não é imediato, ou seja, a contingência é uma circunstância, ela decorre de um acontecimento. Lembro que o acontecimento na AD é tido como único, descontínuo, ele é uma ruptura, é algo que sai da rotina.

Aqui, observo que a identificação está ligada a recuperação de informação, de acordo com a primeira escala do Pisa (2000), podendo avançar talvez até a segunda escala que trata da interpretação, permanecendo no nível 1, reconhecendo o tema principal.

Ainda, menciono que esse tipo de leitura apresentada pelos sujeitos, pode ser entendida como funcional como traz Perissé (2005). Eles, os sujeitos, estão preocupados, em identificar as palavras-chave, ou seja, em fazer a lição de casa, neste contexto, em fazer a lição do trabalho. Por ser uma leitura de investigação, torna-se necessária para apreender informações importantes em diversos campos da vida prática como na escola, no trabalho.

De acordo com (Orlandi, 2006: 14), "o sujeito, que interpreta, lê a partir de sua posição sujeito, o leitor crítico lê refletindo sobre sua posição sujeito, sobre as condições de produção de sua leitura, por isso ele não interpreta apenas, ele compreende...".

Pêcheux (1988), diz que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes correspondem.

Neste processo, portanto, as leituras recreativa, reflexiva e inspiradora que Perissé (2005), cita também, são deixadas de lado, pois aos sujeitos não interessa o prazer ou ter tempo e paciência para refletir mais profundamente o que estão lendo ou ter inspiração para produzir novos textos. O que lhes interessa é que no momento, levando em consideração as condições de produção dos sujeitos, vê-se que eles precisam de informações de modo a tratar a leitura como funcional, recorrem muitas vezes a ferramentas como o dicionário manual ou *translator* para obter o que necessitam com mais praticidade e rapidez, ou seja, para suprir suas necessidades habituais.

Da necessidade diária que os sujeitos têm para decodificar essas palavras-chave, me levam a refletir que eles possam ser assujeitados, pois acabam por criar um discurso homogêneo, ou seja, ocorre um apagamento das marcas ideológicas desses sujeitos, no qual passaram a ser controlados e dominados discursivamente por meio de um processo histórico e social que deve ter iniciado na instituição escolar e deslocou-se para o a instituição em que estes sujeitos trabalham hoje (2009).

Deste modo, Pêcheux (1988) menciona, que o sujeito consegue se perceber ou admite ser submisso, assujeitado, por aceitar essa condição em seu dia-a-dia.

Esse discurso por sua vez, pode fruto de um modo de produção social que, para perpetuar essas condições reais de existência (das quais fazem parte o controle e o domínio), precisa fazer com que elas sejam reproduzidas. Essa reprodução se dá, segundo Althusser (1989), basicamente, através da força e da ideologia. Com esse discurso, observa-se uma dinâmica, em que grupos sociais tentam exercer o poder sobre o outro. Por isso, é preciso que a leitura seja um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a qual deve ser crítica e reflexiva, combatendo o trabalho de alienação, possibilitando ao ser humano a libertação, pensar como ele deseja pensar, como nos traz Silva (1985).

(Silva, 1985: 59) diz ainda que "...a escola, prevê a sequenciação e integração das habilidades e conteúdos de leitura bem como os momentos e os espaços para a pesquisa, debate, discussão e outras formas de confronto com os textos." E, como essas habilidades e conteúdos são trabalhados na escola com o intuito que o sujeito seja capaz de transformar o meio em que vive? Talvez fazendo-o perceber que ele precise apenas localizar o vocabulário que deseja para sua necessidade ou contingência, antes, para traduzir textos que os professores lhe pediam e, hoje para poder lidar com os mecanismos da área da informática.

A partir dos registros obtidos, em que os sujeitos se posicionam quanto à instituição escolar por meio de uma memória histórica (que está em movimento) ou à instituição de trabalho, eles revelam uma contingência (Houassis, 2008: 186) "possibilidade, eventualidade" , aqui nesta análise, se refere ao reconhecimento da submissão desses sujeitos às instituições.

Assim, os sujeitos investigados nesta seção, necessitam identificar, localizar as palavras para poder desenvolver o seu trabalho como o faziam na escola. Ainda, a contingência, aqui mencionada, leva-me a refletir que, os sujeitos são submissos, controlados por uma instituição que lhes emprega, lhes dá sustento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao iniciar este texto justificou-se a investigação referente aos sentidos das práticas sociais de leitura para alunos do terceiro ano do Ensino Médio da escola pública sob o olhar da Análise do Discurso articulada com a Educação, pois muitos sujeitos

inseridos nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio trouxeram materiais que eles liam em Língua Inglesa em seu cotidiano.

De acordo com as escalas do Pisa (2000), estes sujeitos estão na primeira escala que é a da identificação e recuperação de informação, no qual há uma compreensão, porém como diz (Orlandi, 2006: 185), "a questão da compreensão não é só do nível da informação", ou seja, é preciso haver interação entre o leitor e o texto, entrando aí, a interpretação e uma compreensão mais aprofundada a partir de debates entre o leitor e o autor, desencadeando um processo de significação.

Por isso, é preciso que a leitura seja um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a qual deve ser crítica e reflexiva, combatendo o trabalho de alienação, possibilitando ao ser humano a libertação, pensar como ele deseja pensar, como nos traz Silva (1985).

E é por meio de uma abordagem histórica que podemos compreender a ideologia a partir das práticas, bem como nos traz a AD que diz que o sujeito existe socialmente e é interpelado pela ideologia, levando-se em conta as suas condições de produção (contexto histórico-social, interlocutores...) do discurso.

Assim, neste estudo, em que o sentido das práticas sociais de leitura no dizer do aluno do terceiro ano do Ensino Médio se apresenta convidativo, capaz de apreender a teia de valores que envolvem o vivido humano e nele, seus aspectos culturais, com o propósito de captar o significado da leitura pelos olhos dos alunos que fazem parte deste contexto.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1989.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1982.

BOHN, H.; SOUZA, O. **Escrita e Cidadania**. Florianópolis: Insular, 2003.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PADRE JOSÉ MAURÍCIO. In: BLOG - <http://www.eebpjmauricio.blogspot.com/> - acessado em 06.05.2009

GRIGOLETTO, M. **Representação, Identidade e Aprendizagem de Língua Estrangeira**. Revista Claritas, nº 06, maio, São Paulo: 2000.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2008.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso, uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

PERISSÉ, G. **Elogio da leitura.** Barueri, SP: Manole, 2005.

PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos, 2000) In: *www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2000.pdf* - acessado em 06.05.2009

POSSENTI, S. **Análise do discurso e acontecimento:** breve análise de um caso. In: NAVARRO, P. (org.). **Estudos do texto e do discurso; mapeando conceitos e métodos.** São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

SILVA, E. T. da. **Leitura & Realidade Brasileira.** 2 ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1985.

\_\_\_\_\_. **De olhos abertos:** reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo, SP: Editora Ática, 1991.

---

[1] Ver no blog <http://www.eebpjmauricio.blogspot.com/>, acessado em (2009).

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo é recorte de uma pesquisa que está em andamento e está ligada ao Eixo Temático II – Educação, Cultura e Sociedade, inserida na linha de pesquisa de Discurso e Práticas Educativas, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação da FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau (SC).

Ler implica numa interação entre leitor/texto/autor. Ler em Língua Inglesa e os sentidos que têm este ato para alunos do Ensino Médio de escola pública é o foco de discussão deste artigo.

Para esta reflexão, usarei como aporte teórico a Análise do Discurso doravante AD, trazendo para este diálogo Pêcheux (1988), Orlandi (2006; 1996; 1988) e Brandão (2004), articulada com autores da Educação como Perissé (2005) e Silva (1985; 1991), que tratam da formação do leitor numa perspectiva social. Farei uma breve correlação dessas teorias, com os níveis de leitura do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos, 2000), quanto à classificação da leitura, seja para identificar, interpretar ou refletir sobre o que o aluno leu.

A AD trata o sujeito, Brandão (2004), como um ser social interpelado pela ideologia e pela linguagem, determinando o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social determinado pela história.

Esta investigação justifica-se, pois os sujeitos inseridos nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio além do livro didático, fazem uso de outros materiais como: manual de informática, manual de jogos, capas de cds, letras de músicas.

Destarte, procuro neste texto, compreender as práticas sociais de leitura em Língua Inglesa dos alunos que freqüentam o último ano do Ensino Médio de escola pública através de seus dizeres. A pergunta que norteia o presente texto é a seguinte: quais os efeitos de sentido das práticas sociais de leitura em Língua Inglesa para alunos do Ensino Médio de escola pública?

O texto está organizado em três seções: sumarização de pressupostos teóricos que marcam o ato de ler em Língua Inglesa sob o olhar da Análise do Discurso articulado com a Educação, a metodologia da pesquisa, com a abordagem, recorte, categorias de análise. Seguem considerações e referências.

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Para compor esta seção consideram-se: os sentidos de leitura, sob o olhar da Análise do Discurso articulados com a Educação.

### **2.1 Os sentidos de leitura sob o olhar da Análise do Discurso**

Início esta seção, mencionando que a AD estuda através de formulações discursivas, a prática e a ação da linguagem. Ela problematiza, tenta compreender essas formulações discursivas (enunciados) a partir do que existe, do real, neste caso, o texto materializado que se dá aqui, neste artigo, a partir dos dizeres dos sujeitos, pois o que interessa na AD não é a palavra em si, mas o entremeio, os efeitos de sentido dessas formulações discursivas. Porque é através dessas formulações que vemos e tentamos compreender como o sujeito vai se constituindo na história, a qual está em movimento.

Orlandi (2006), diz que o sujeito se constitui pela linguagem que se dá socialmente e, é interpelado pela ideologia que determina as práticas discursivas dos sujeitos por meio de sua história.

Olhando no viés da AD, entendo que o sujeito se constitui pela linguagem, pois ela é um dos principais instrumentos de ação e práticas sociais formadora do mundo cultural e que traz em si a construção e expressão do conhecimento, os valores e as normas de conduta que norteiam a vida do sujeito em sociedade.

O sujeito também é interpelado pela ideologia, pois ela mostra as marcas, as crenças, os pensamentos do sujeito. O que leva o sujeito a pensar de tal jeito ou maneira e não o leva a pensar de outro modo, ou seja, é algo inconsciente, porque são as forças externas (as práticas discursivas) que condicionam o modo do sujeito pensar e agir nesse movimento histórico.

Deste modo, é preciso levar em conta o pré-construído que o sujeito traz consigo e que nas palavras de (Brandão, 2004: 109), é o “elemento produzido em outro (s) discurso (s), anterior ao discurso em estudo, independentemente dele.”. Isso remete às evidências do “que cada um sabe” e simultaneamente “o que cada um pode ver” em uma determinada situação de acordo com as suas condições de produção. Entendo aqui, condições de produções as que “constituem a instância

verbal de produção do discurso: o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam e a imagem que fazem de si, do outro e do referente.” (Brandão, 2006: 105).

Como o foco deste texto é a leitura e as suas práticas sociais, Orlandi (1988) explicita que quando se lê, se produz sentidos, pois o sujeito crítico faz parte de um processo sócio-histórico de produção de sentidos. No momento em que ele interage com o texto e o autor produz sentidos. (Orlandi, 1988), complementa ainda que

...a leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significativa. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto.... (p.10).

De fato, o ato de ler, para se tornar ou qualificar-se em momento crítico de significação, envolve a reflexão, a transformação de significados, a partir de um diálogo entre o texto e o (s) interlocutor (es), pois a leitura sem compreensão é um ato mecânico. O ato de ler pressupõe ainda, de acordo com Silva (1985), um enriquecimento do leitor através da descoberta de novas possibilidades de ser e existir. É a partir desta descoberta que a leitura deve ser vista como um instrumento de participação, de mudança e renovação sócio-cultural.

As reflexões de Silva (1991), leva-me a pensar ainda, sobre a formação do leitor no contexto escolar, em que se quer um leitor que questione, que compreenda o que leu, bem como se deseja também um leitor que se adapte ou se ajuste ao seu contexto social real e que este seja um sujeito ativo e transforme o meio em que está inserido pelas práticas de leitura. Deste modo, almejamos leitores que sejam conscientes, críticos e criativos durante e após a sua trajetória escolar.

Destarte, termino essa seção parafraseando Orlandi (1996) que diz que a relação entre o sujeito e o outro é explicada pela descoberta do conceito de sujeito enquanto entidade dividida entre consciente e inconsciente, pois perceber que as palavras não têm sentido em si mesmas, mas derivam seus sentidos na formação discursiva que representam à ideologia, é o primeiro aspecto a ser considerado quando da análise e interpretação de um momento discursivo.

Na sequência, segue a seção de metodologia desta pesquisa com a abordagem, contexto, sujeitos, instrumentos e procedimentos de coleta de registros.

### 3 METODOLOGIA

É uma pesquisa de abordagem qualitativa-interpretativa, guiada pela AD. De acordo com Bogdan e Biklen (1982), ao apresentarem uma discussão sobre pesquisa qualitativa, destacam características que a fundamentam e permeiam o investigador qualitativo. Aquele que frequenta os locais de estudo, entende que as ações podem ser mais bem compreendidas quando observadas no seu ambiente habitual de ocorrência.

A pesquisa de abordagem qualitativa trabalha, “com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (Minayo, 1993: 21-22).

Optei por trabalhar no viés da AD, pois para Pêcheux, o sujeito está impregnado de discurso e de ideologia. Na AD é a ideologia que determina o que é, ou não, dito pelo sujeito, quando considera que o sujeito se constitui e produz sentidos por que é atravessado pela linguagem e pela história, num emaranhado de formações discursivas.

A escola escolhida como campo da pesquisa, pertence à rede pública de ensino de Blumenau, cidade situada no Vale do Itajaí, estado de Santa Catarina. Localizada num bairro afastado do centro da cidade, a escola atende a um maior número de alunos do próprio bairro, no que se refere principalmente ao Ensino Médio, em que os pais, em sua maioria, atuam como operários em empresas localizadas no município. A escola possui um total de 1520 alunos distribuídos nos Ensinos Fundamental (1ª a 8ª série) e Médio (1º e 3º ano), que frequentam a escola nos períodos matutino, vespertino e noturno<sup>1</sup>.

Os sujeitos deste trabalho são 04 do total de 30 alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública que estudam no período matutino, com duas aulas de Língua Inglesa semanalmente de 45 minutos. Eles têm 17 anos de idade. Já estão atuando no mercado de trabalho em áreas como informática, saúde e comércio. Frequentam a escola desde o pré-escolar.

Foram selecionados estes 04 sujeitos, pois para esta análise foram os que apresentam regularidades quando a predicação voltada para as práticas sociais de

---

<sup>1</sup> Ver no blog [www.eebpjmauricio.blogspot.com](http://www.eebpjmauricio.blogspot.com), acessado em (2009).

leitura em Língua Inglesa como uma necessidade ou contingência, bem como a pesquisa qualitativa não está preocupada com a quantidade, mas em compreender o que os sujeitos dizem, por isso, não há necessidade de se ter muitos sujeitos.

Os registros da investigação incluem as transcrições das entrevistas feitas a partir dos materiais que os sujeitos leem e, os quais foram trazidos por eles.

Na seção seguinte, trago estes registros dos sujeitos e as reflexões.

#### **4 REGISTROS E REFLEXÕES**

Nesta seção, apontarei alguns aspectos discursivos que estão na constituição da identidade dos sujeitos envolvidos nesta análise, trazendo a seguinte predicação: “Ler em Língua Inglesa: uma questão de necessidade ou de contingência”.

##### **4.1 Ler em Língua Inglesa: uma questão de necessidade e contingência**

A partir desta predicação serão analisados os dizeres de 04 sujeitos que frequentavam o Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino. Em 2008, iniciei esta pesquisa e, ao qual foram coletados os registros de uma mesma turma, solicitando que os sujeitos trouxessem materiais que eles liam em Língua Inglesa. Para tanto, realizei ainda uma entrevista individual com os sujeitos que trouxeram os materiais, conforme mencionado anteriormente, na seção de Metodologia. Para identificação dos mesmos, usarei nomes fictícios como João, André, Renato e Paulo, preservando deste modo, a privacidade dos alunos. Eles têm 17 anos e trabalham na área de informática, saúde e comércio.

Para esta análise dos registros, usarei a expressão predicação, que segundo Grigoletto (2000) e nas palavras de Bohn (2003), é a explicitação de uma relação que se estabelece entre princípios teóricos e formulações discursivas de um indivíduo ou de um grupo social.

Deste modo, tentaremos compreender o leitor-aluno Orlandi (2006), que na medida em que lê, se constitui, se representa, se identifica, pois a questão da

compreensão não é só do nível da informação. Neste momento, entra o processo de interação, a ideologia.

Adendando essa questão da compreensão abordada por Orlandi (2006) ao Pisa (2000), encontramos em sua terceira escala, a reflexão (compreensão). Portanto, o nível de informação já foi ultrapassado nessa escala, ou seja, ela é uma subescala da primeira escala que está em identificar as palavras para obter informação, para se ter conseqüentemente uma interpretação até chegar a uma compreensão do texto.

A leitura como traz Orlandi (2006), é um momento crítico da constituição do texto, ou seja, é o momento em que os interlocutores se identificam por meio da interação, desencadeando o processo de significação do texto. Não basta buscar informações, é preciso ir além do texto para compreendê-lo, é preciso interagir com o texto, com o outro.

Deste modo, a constituição deste *corpus*, se dá de acordo com (Possenti, 2006: 96), pois ele “deve esforçar-se minimamente para reunir um conjunto de textos que se relacionam” a necessidade e contingência.

O conjunto de textos, a que me refiro, são os recortes dos dizeres de meus sujeitos, que apresentam dizeres heterogêneos, e apontam para diferentes formações discursivas, de acordo com Brandão (2004), determinando o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social determinado pela história. Contraditoriamente, trazem ao mesmo tempo, regularidades, semelhanças num determinado momento da história. Esta contradição acontece, segundo Orlandi (2006), pois é característica da linguagem humana, pela ideologia que determina as práticas discursivas desses sujeitos por meio de sua história.

Nesta análise, o PISA que é o Programa Internacional de Avaliação de Alunos, ajuda-nos a compreender o processo de leitura que os sujeitos inseridos neste contexto apresentam. Os sujeitos pesquisados são alunos do terceiro ano do Ensino Médio, têm 17 anos e trabalham na área da informática, necessitando fazer uso diário de manuais de instalação de programas. Estes manuais, por sua vez, se apresentam apenas na Língua Inglesa. Para fazer a leitura destes, os alunos, sujeitos desta pesquisa, encontram dificuldades para a leitura destes textos, pois não têm domínio desta língua (inglês).

De acordo com as três escalas de avaliação quanto à leitura do Pisa (2000), os sujeitos estão na primeira escala. A primeira escala, está em identificar recuperar

informações; a segunda escala, consiste em interpretar e descrever o texto e; na terceira escala, permite a reflexão, a compreensão do texto.

Quando perguntado aos sujeitos João, André, Renato e Paulo como eles leem o material que trouxeram em Língua Inglesa (manual de informática, manual de jogos e capa de cd), em que estes buscam por meio da tradução, codificar (da palavra para a frase e da frase para o texto) para se obter informação, eles responderam:

*“Leio bastante **manuais de placa mãe e processadores**, leio eles geralmente com a **ajuda de dicionários ou de tradutores online**. Porque é assim, **quanto mais tu lê, mais tu vai adquirindo conhecimento**, mais tu... vamos dizer, **melhor vai ficando o teu jeito de conseguir ler.**” (João, 17 anos, trabalha na área da informática e vende produtos voltados à informática)*

*“Leio **traduzindo e porque meu trabalho exige essa competência** para fazer a **instalação dos programas**. Se tivesse um manual em português, eu leria antes. Gosto, às vezes, de ler em Inglês chego a compreender algumas palavras.” (André, 17 anos, trabalha na área da informática)*

*“Leio o **manual** já em Inglês, uso só o **dicionário** para procurar algumas palavras, **porque no trabalho**, eu lido com a informática, então os programas de instalação (placa mãe) são em Inglês. Não uso o translator, pois é furado, não tem muita conexão! **Se não fosse o trabalho**, eu leria em português sim.” (Renato, 17 anos, trabalha na área da informática)*

*“Mexo muito com **computação**, hoje em dia, os seres humanos tem que ter noções Básicas em LI para Dominar A Área. Enfim, manuais De instalação, programas de usos pessoais, caixa de correio eletrônico, jogos, etc... alguns leio por interesse, (jogos) alguns por obrigação e **necessidade (no trabalho)**” (Paulo, 17 anos, trabalha na área da saúde)*

Quando os sujeitos aceitam ou concordam com a situação dada, ou seja, procuram as palavras de que precisam pela identificação, mostra-nos que isso é uma necessidade, ou seja, supõe que os sujeitos sejam cúmplices, de acordo com Pêcheux (1988), de pensar no lugar do outro como uma condição de existência, pois a necessidade está ligada à substância, ou seja, ela é institucionalizada, fixa, como a escola, por exemplo.

Os sujeitos acabam apresentando uma necessidade, que de acordo com (Houassis, 2008: 524-525) “4. exigência” e leitura para obter informação, seja quando André, Renato, Paulo e João mencionam o local de trabalho voltado a área

da informática que exige deles um conhecimento do vocabulário para identificar as palavras nos manuais de informática, bem como João que diz ainda que, quanto mais se lê, vai se adquirindo conhecimento para entender o que está no texto escrito. Na AD, Pêcheux (1988) diz que essa necessidade é entendida como, em que sentido, terei que ampliar na perspectiva humana o conhecimento, que é inesgotável e não é imediato, ou seja, a contingência é uma circunstância, ela decorre de um acontecimento. Lembro que o acontecimento na AD é tido como único, descontínuo, ele é uma ruptura, é algo que sai da rotina.

Aqui, observo que a identificação está ligada a recuperação de informação, de acordo com a primeira escala do Pisa (2000), podendo avançar talvez até a segunda escala que trata da interpretação, permanecendo no nível 1, reconhecendo o tema principal.

Ainda, menciono que esse tipo de leitura apresentada pelos sujeitos, pode ser entendida como funcional como traz Perissé (2005). Eles, os sujeitos, estão preocupados, em identificar as palavras-chave, ou seja, em fazer a lição de casa, neste contexto, em fazer a lição do trabalho. Por ser uma leitura de investigação, torna-se necessária para apreender informações importantes em diversos campos da vida prática como na escola, no trabalho.

De acordo com (Orlandi, 2006: 14), "o sujeito, que interpreta, lê a partir de sua posição sujeito, o leitor crítico lê refletindo sobre sua posição sujeito, sobre as condições de produção de sua leitura, por isso ele não interpreta apenas, ele compreende...".

Pêcheux (1988), diz que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes correspondem.

Neste processo, portanto, as leituras recreativa, reflexiva e inspiradora que Perissé (2005), cita também, são deixadas de lado, pois aos sujeitos não interessa o prazer ou ter tempo e paciência para refletir mais profundamente o que estão lendo ou ter inspiração para produzir novos textos. O que lhes interessa é que no momento, levando em consideração as condições de produção dos sujeitos, vê-se que eles precisam de informações de modo a tratar a leitura como funcional, recorrem muitas vezes a ferramentas como o dicionário manual ou *translator* para obter o que necessitam com mais praticidade e rapidez, ou seja, para suprir suas necessidades habituais.

Da necessidade diária que os sujeitos têm para decodificar essas palavras-chave, me levam a refletir que eles possam ser assujeitados, pois acabam por criar um discurso homogêneo, ou seja, ocorre um apagamento das marcas ideológicas desses sujeitos, no qual passaram a ser controlados e dominados discursivamente por meio de um processo histórico e social que deve ter iniciado na instituição escolar e deslocou-se para o a instituição em que estes sujeitos trabalham hoje (2009).

Deste modo, Pêcheux (1988) menciona, que o sujeito consegue se perceber ou admite ser submisso, assujeitado, por aceitar essa condição em seu dia-a-dia.

Esse discurso por sua vez, pode fruto de um modo de produção social que, para perpetuar essas condições reais de existência (das quais fazem parte o controle e o domínio), precisa fazer com que elas sejam reproduzidas. Essa reprodução se dá, segundo Althusser (1989), basicamente, através da força e da ideologia. Com esse discurso, observa-se uma dinâmica, em que grupos sociais tentam exercer o poder sobre o outro. Por isso, é preciso que a leitura seja um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a qual deve ser crítica e reflexiva, combatendo o trabalho de alienação, possibilitando ao ser humano a libertação, pensar como ele deseja pensar.como nos traz Silva (1985).

(Silva, 1985: 59) diz ainda que “...a escola, prevê a sequenciação e integração das habilidades e conteúdos de leitura bem como os momentos e os espaços para a pesquisa, debate, discussão e outras formas de confronto com os textos.” E, como essas habilidades e conteúdos são trabalhados na escola com o intuito que o sujeito seja capaz de transformar o meio em que vive? Talvez fazendo-o perceber que ele precise apenas localizar o vocabulário que deseja para sua necessidade ou contingência, antes, para traduzir textos que os professores lhe pediam e, hoje para poder lidar com os mecanismos da área da informática.

A partir dos registros obtidos, em que os sujeitos se posicionam quanto à instituição escolar por meio de uma memória histórica (que está em movimento) ou à instituição de trabalho, eles revelam uma contingência (Houassis, 2008: 186) “possibilidade, eventualidade” , aqui nesta análise, se refere ao reconhecimento da submissão desses sujeitos às instituições.

Assim, os sujeitos investigados nesta seção, necessitam identificar, localizar as palavras para poder desenvolver o seu trabalho como o faziam na escola. Ainda,

a contingência, aqui mencionada, leva-me a refletir que, os sujeitos são submissos, controlados por uma instituição que lhes emprega, lhes dá sustento.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao iniciar este texto justificou-se a investigação referente aos sentidos das práticas sociais de leitura para alunos do terceiro ano do Ensino Médio da escola pública sob o olhar da Análise do Discurso articulada com a Educação, pois muitos sujeitos inseridos nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio trouxeram materiais que eles liam em Língua Inglesa em seu cotidiano.

De acordo com as escalas do Pisa (2000), estes sujeitos estão na primeira escala que é a da identificação e recuperação de informação, no qual há uma compreensão, porém como diz (Orlandi, 2006: 185), “a questão da compreensão não é só do nível da informação”, ou seja, é preciso haver interação entre o leitor e o texto, entrando aí, a interpretação e uma compreensão mais aprofundada a partir de debates entre o leitor e o autor, desencadeando um processo de significação.

Por isso, é preciso que a leitura seja um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a qual deve ser crítica e reflexiva, combatendo o trabalho de alienação, possibilitando ao ser humano a libertação, pensar como ele deseja pensar.como nos traz Silva (1985).

E, é por meio de uma abordagem histórica que podemos compreender a ideologia a partir das práticas, bem como nos traz a AD que diz que o sujeito existe socialmente e é interpelado pela ideologia, levando-se em conta as suas condições de produção (contexto histórico-social, interlocutores...) do discurso.

Assim, neste estudo, em que o sentido das práticas sociais de leitura no dizer do aluno do terceiro ano do Ensino Médio se apresenta convidativo, capaz de apreender a teia de valores que envolvem o vivido humano e nele, seus aspectos culturais, com o propósito de captar o significado da leitura pelos olhos dos alunos que fazem parte deste contexto.

## **REFERÊNCIAS**

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1989.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1982.

BOHN, H.; SOUZA, O. **Escrita e Cidadania**. Florianópolis: Insular, 2003.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PADRE JOSÉ MAURÍCIO. In: BLOG – [www.eebpjmauricio.blospot.com](http://www.eebpjmauricio.blospot.com) – acessado em 06.05.2009

GRIGOLETTO, M. **Representação, Identidade e Aprendizagem de Língua Estrangeira**. Revista Claritas, nº 06, maio, São Paulo: 2000.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2008.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso, uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

PERISSÉ, G. **Elogio da leitura**. Barueri, SP: Manole, 2005.

PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos, 2000) In: [www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2000.pdf](http://www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2000.pdf) - acessado em 06.05.2009

POSSENTI, S. **Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso**. In: NAVARRO, P. (org.). **Estudos do texto e do discurso; mapeando conceitos e métodos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

SILVA, E. T. da. **Leitura & Realidade Brasileira**. 2 ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1985.

\_\_\_\_\_. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1991.